

OS MANDAMENTOS DA DÍVIDA

A história da dívida (a brasileira e da América Latina) tem que ficar sempre como lição e remorso. É bom lembrar:

1. — Não é mera coincidência a escalada do endividamento latino-americano ter começado exatamente em 1968, quando a dívida, de US\$ 11,7 bilhões, começa a se multiplicar exponencialmente para chegar a cinco vezes mais, ou US\$ 59,1 bilhões, quando veio a alta do petróleo em 1974.

2. — Nos dez primeiros anos do pós-guerra, mostravam os estudos da CEPAL, a América Latina sistematicamente remeteu ao exterior 10,5 por cento de todas as suas receitas de exportação apenas para o pagamento estéril dos rendimentos do capital estrangeiro.

3. — Nos 19 anos decorridos desde 1950 até o fim do *boom* do pós-guerra (1969), a América Latina remeteu US\$ 28,4 bilhões em rendas do capital estrangeiro, quando só entraram como investimentos e empréstimos no período US\$ 20,1 bilhões. A perda de US\$ 8 bilhões equivale a uma sangria constante de quase meio bilhão de dólares por ano.

4. — Em 1982, a América Latina devia metade de toda a dívida do Terceiro Mundo, e para resgatar tão-somente os US\$ 300 bilhões do principal da dívida gastaria 3,4 anos de suas receitas de exportações, estimadas em US\$ 96 bilhões. O resto do Terceiro Mundo poderia resgatar sua dívida com apenas um ano e um mês de exportações.

5. — Enquanto países endividados da Ásia e África gastam 15 a 25 por cento de suas receitas de exportação para servir à dívida (juros mais prestações do principal), no México, Equador, Peru e Chile esse serviço consumiu mais da metade das receitas de exportação, no Brasil consumiu 87 por cento e na Argentina a totalidade das receitas, forçando, como vimos no capítulo 1, cortes drásticos na importação de bens.

6. — A América Latina contraiu muito mais empréstimos a juros flutuantes do que países não tão imersos na área do dólar. O golpe fatal que derrubou o México e o Brasil em 1982 veio da alta sistemática desses juros flutuantes desde 1977, culminando em 1981 com as taxas de juros mais elevadas da história econômica. Antes, oscilando entre 7 e 9 por cento. Depois, chegando a 23%.

7. — "O Brasil compete com o Japão como a economia que mais cresce no mundo. Tendo seduzido a comunidade financeira internacional, os banqueiros sentem-se a tal ponto felizes em emprestar dinheiro pra o Brasil, mais do que em qualquer outro lugar, que foi preciso até refreá-los". Assim começava um artigo sobre o "milagre brasileiro", na revista dos banqueiros londrinos, *The Banker*, de fevereiro de 1974. O Brasil virou um refém dos destinos do eurodólar. Banqueiros entulhados de dinheiro de investidores americanos e dos países árabes passaram a cortejar funcionários latino-americanos, oferecendo empréstimos. Assinava-se um cheque de alguns milhões de dólares e ganhava-se um por cento de comissão. Era estreita a ligação da burguesia latino-americana com as finanças internacionais.

8. — No *Bank of America*, os lucros das operações internacionais, que já haviam atingido 21 por cento do total dos lucros em 1972, subiu para 40 por cento do total em 1976. No *Manufacturers Hanover* e no *J. P. Morgan* passaram dos 50 por cento. No *Citibank* e no *Chase Manhattan*, passaram dos 70 por cento. Opunham-se formalmente ao direito do credor de antecipar pagamentos. Cláusulas especiais nos contratos impunham penalidades por pagamentos antecipados, para a contratação de novos empréstimos, a prazos mais curtos e taxas de risco e comissões mais altas, pela chance de fazer fortunas dos governantes latino-americanos.

9. — Os empréstimos externos já haviam se tornado uma muleta para o governo e principalmente para as grandes empresas estatais, que não sabiam viver sem o dinheiro de fora. Delfim manteve a tática de superendividamento, captando empréstimos em nome de projetos os mais bizarros, como o Proalcool, que não necessitavam de um único centavo em equipamento de fora ou aceitando equipamentos que foram deixados em depósito, apenas para poder receber os "créditos de fornecedores". "A dívida foi feita realmente para pagar conta, os projetos não se pagavam em dólar", admitiria Delfim anos depois.

10. — Em 1979, o serviço da dívida absorvia 86% dos novos financiamentos e saía mais dinheiro do que entrava. Do final de 1976 até o final de 1981, o Brasil recebeu US\$ 73,9 bilhões de empréstimos externos, mas gastou 75 por cento, ou US\$ 55,8 bilhões no serviço da dívida. Uma entrada líquida de apenas US\$ 5 bilhões em cinco anos. E a dívida voou para 100 bilhões em 85 e 120 em 90.